

Podcast na Sala de Aula: Escutando Docentes que Atuam na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Valdênia Sabina Fragoso de **BRITO***
Débora Amorim Gomes da **COSTA-MACIEL****

* Mestrado em Educação pela Universidade de Pernambuco - UPE (2023). Contato: valdenia.sabrinabrito@upe.br

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2012). Professora Doutora Adjunta II da Universidade de Pernambuco - UPE. Contato: debora.amorim@upe.br

Resumo:

A Base Nacional Comum Curricular (2018) apresenta o *podcast* como gênero multissemiótico que pode ser mobilizado no contexto do ensino de língua materna. Mas afinal, como os/as professores/as que atuam na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI) compreendem a funcionalidade desse instrumento em sua prática pedagógica? Nosso artigo se debruça sobre essa questão com o objetivo de refletir a respeito do que dizem um grupo de docentes em atuação na modalidade em foco a respeito do *podcast*. O trabalho dialoga com os estudos dos gêneros textuais de Bakhtin (2000); Schneuwly e Dolz (2004, 2011); Marcuschi (2005, 2007); e Travaglia (2017) de formação docente da EJAI em diálogo com Ribeiro (1999), Saviani (2009), Cortada (2014) e Freire (1996). Os dados foram coletados a partir da videogravação na ocasião de um curso de extensão destinado a docentes da EJAI e analisados de forma qualitativa. O estudo revela questões centrais para as docentes: i) interesse de conhecer melhor o instrumento; ii) cálculo de viabilidades do seu uso com o público em foco; iii) funcionalidade do uso na EJAI. Esse tripé reflexivo nos ajuda a entender que o *podcast* pode ser viabilizado em sala de aula como um (mega)instrumento para o processo de ensino-aprendizagem no âmbito da cultura digital.

Palavras-chave:

Gêneros orais. *Podcast*. Formação docente.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 26, n. 1, p. 134-143, abr. 2023

Recebido em: 04/01/2023

Aceito em: 04/04/2023

Podcast na Sala de Aula: Escutando Docentes que Atuam na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Valdênia Sabina Fragoso de Brito;
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) apresenta o *podcast* como gênero que pode ser mobilizado no contexto do ensino de língua materna. Para a BNCC, no contexto da prática pedagógica, devemos diversificar o trato com “gêneros, suportes e mídias definidos para a socialização dos estudos e pesquisas” sejam eles orais, escritos ou “multissemióticos”, como é o exemplo do “podcast” (BRASIL, 2018, p. 516). A demanda por gêneros dessa natureza parece ter se intensificado no contexto do isolamento social, fruto da pandemia da Covid-19, em que as práticas docentes passaram a ser mediadas, em grande parte, por ferramentas digitais, muitas das quais os/as professores/as não foram formados para utilizar de forma didática (BRITO, 2023).

O dia a dia virtual docente demandou, de forma ampliada, o uso de recursos tecnológicos, tais como, as plataformas de unidade virtual de curso à distância, WhatsApp, Google Meet, Google Sala de Aula, rádio, TV, entre outros. Os gêneros multissemióticos, a exemplo do *podcast*, ampliaram seu espaço em algumas práticas docentes acentuando-se como um importante instrumento para o trato com os conhecimentos curriculares, dentre eles, o ensino de língua materna (BARBOSA, 2020; KLERING; ROSA; KERSCH, 2021).

Em face da mudança de cenário emergem inquietações ligadas à formação docente para os usos das tecnologias e, no caso específico deste trabalho, sobre o gênero *podcast* enquanto instrumento sinalizado pela BNCC em suas potencialidades para a organização da prática docente (BRASIL, 2018). Com vistas a escutar o que dizem um grupo de docentes, em atuação na modalidade em foco, a respeito do *podcast* no cotidiano de suas práticas, nosso artigo recupera elementos de uma ação extensionista desenvolvida virtualmente, na plataforma Google Meet, no ano de 2022, com aproximadamente 30 (trinta) docentes que atuavam na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI). A partir do curso de extensão organizado em 4 (quatro) módulos, pautamos o trabalho em um movimento que envolveu reflexões sobre os usos do gênero e escuta atenta dos dizeres e saberes docentes.

Com vistas a refletir sobre o objeto deste artigo, traçamos inicialmente um quadro teórico para tratar do *podcast*, considerando seus elementos constitutivos e sua funcionalidade social, sobretudo na educação. Aliado a esse debate, discutimos a formação docente, uma vez que os nossos dados foram gerados nesse contexto, destacando as especificidades da EJAI enquanto modalidade de ensino comprometida com a garantia de direitos à educação ao longo da vida, e a formação dos/as educandos para a plena participação social. Nessa direção, voltamo-nos a seguir para as frases teóricas de sustentação do objeto alvo deste artigo.

1. *PODCAST* E FORMAÇÃO DOCENTE: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O *podcast* é um (mega)instrumento oral de mediação das atividades humanas, que comporta um agrupamento de diferentes gêneros de texto “com a concretude dos acontecimentos da vida” (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2020, p. 37). “Tal gênero, presente no mundo digital, pode ser construído a partir de textos, vídeos ou áudios, sendo, no entanto, predominante a postagem de áudios” (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2020, p. 37), portanto, multissemiótico.

É na articulação das práticas sociais que os gêneros textuais se materializam como fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social (MARCUSCHI, 2005). Os gêneros são maleáveis, dinâmicos e plásticos. Esta plasticidade permite que o modal transite e se estabeleça, de maneira que as fronteiras entre a fala e a escrita não sejam precisamente definidas, e neste contexto, encontramos o *podcast*. Principalmente porque os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem e se caracterizam muito mais por suas funções sociocomunicativas (MARCUSCHI, 2005).

Nesta perspectiva, os gêneros textuais são a corporalização de textos existentes, constituídos pelos traços comunicativos, contextuais e sociais. No que diz respeito aos elementos dos gêneros textuais, entendemos que todo texto é concebido com um objetivo, uma intenção ou até mesmo uma necessidade, seja ela pessoal ou coletiva. Sendo assim, compreendemos a sua função social, suas peculiaridades e esta relação ratifica a influência destes sujeitos na produção, bem como na recepção desses textos. Mas como desenvolver o trabalho com *podcast* na sala de aula? Vejamos a seguir os percursos desta possibilidade.

A produção do *podcast* no âmbito educacional requer do/a docente a consideração de que tanto os conteúdos quanto as metodologias dependem da relação que o/a estudante estabelece com suas dúvidas, elaboração de problemas, desejos e necessidades de pesquisa e qualificação de seus estudos (VELOSO *et al.*, 2018, p. 8). Configurado como um instrumento de ensino/ferramenta pedagógica, o *podcast* envolve uma série de planejamentos que abarca a definição de temáticas, a organização do processo de pré-produção, produção e pós-produção. Com ele, é possível saber o tempo do programa, se será dividido em temporadas/episódios. Também é no planejamento que se define o público destinado. O conteúdo é outro elemento a ser planejado e deverá ser analisado após uma busca de fontes confiáveis de informações, o que requer estudo e pesquisa que precisam ser traçados de maneira sistemática. (VELOSO *et al.*, 2018, p. 14).

A BNCC enfatiza a necessidade de ensinar as especificidades de cada prática de linguagem também nas mídias digitais, bem como fazer um uso pedagógico da tecnologia e estimular a visão crítica dos/as alunos/as sobre a utilização das ferramentas digitais, considerando também os aspectos éticos, estéticos e políticos. De acordo com Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17),

Trabalhar habilidades éticas, estéticas e políticas são preocupações notórias para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que os estudantes de hoje devem ser preparados para um futuro cujos contornos são, na melhor das perspectivas, nebulosos. Não sabemos que novos postos de trabalho existirão. Não sabemos quais problemas sociais e políticos emergirão.

Desta forma, o senso de criticidade e de responsabilidade a ser desenvolvido, previsto pela Base Nacional Comum Curricular (2018), indica que os/as estudantes não podem, apenas, aceitar as informações que circulam na *web* de forma passiva, mas devem agir de forma crítica. É nessa direção que o *podcast* pode ser utilizado, como ferramenta de ensino e mobilizador de saberes de diferentes ordens.

Ao tratar a respeito do *podcast*, a Base Nacional Comum Curricular (2018) exhibe várias referências ao longo de suas propostas. O documento preconiza o *podcast* dentro das práticas de oralidades, quando descreve, nas habilidades orais, vários tipos de *podcast*: *podcast* noticioso, *podcast* cultural, *podcast* de divulgação científica, *podcast* literário, entre outros. Além disso, descreve a elaboração de roteiros previstos para o desenvolvimento de habilidades de Língua Portuguesa, tanto para o ensino fundamental, quanto para o ensino médio (BRASIL, 2018). Ao tomar a importância do trato com a oralidade em sala de aula por meio de diferentes gêneros textuais, a BNCC assume o *podcast* como uma dessas ferramentas, portanto, reconhece a sua importância como parte do processo de fortalecimento/consolidação das tecnologias digitais nas práticas docentes.

É o desafio deste artigo tomar o *podcast* no contexto da EJA sob o olhar dos/as docentes que atuam nessa modalidade. Para isso, é importante que tragamos as bases teóricas que nos ajudam a pensar a respeito do objeto em tela. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), além de identificar e reconhecer os saberes já construídos por estudantes, trazendo esta recomendação para a EJA, a escola tem a responsabilidade de garantir e aprofundar os saberes sobre tecnologias, bem como as implicações éticas e políticas do seu uso na sociedade. Nessa direção, é imperativo que se oferte aos/as alunos/as da EJA, a partir da compreensão

crítica da realidade e da sociedade, condições para uma participação no mundo do trabalho e na cultura. É um movimento comprometido com o público desta modalidade, de modo que ele possa desenvolver/ampliar a consistência no seu papel social, que seja capaz de intervir consciente e significativamente na busca de uma melhoria da sua realidade, participando ativamente na sociedade.

A formação dos/as discentes da EJAI, portanto, deve considerar o seu percurso histórico, os aspectos socioeconômicos do público assistido, as especificidades deste público a partir do perfil, considerando faixa etária, atividades econômicas e culturais desenvolvidas pelos estudantes, bem como aspectos geopolíticos. Sobretudo, pensar nesses elementos da perspectiva curricular. Várias pesquisas têm apontado para diferentes problemas na formação e no desempenho de docentes que atuam na EJAI (Ribeiro, 1999). Segundo o autor, a falta de formação específica, por vezes, ocasiona uma inadequada conduta desses/as profissionais, como revelam pesquisas de Brito (2023) e Silva (2017), em que foi observada resistência de docentes em expandir as estratégias de ensino para a EJAI, por alegarem que os/as alunos/as poderiam demonstrar resistência frente ao trato com os saberes escolares explorados a partir de uma metodologia que demandasse maior envolvimento deles na execução das atividades.

De acordo com Saviani (2009), as transformações na sociedade brasileira nos dois últimos séculos revelam períodos distintos na história da formação docente no Brasil. Há de se pensar na formação docente para a educação de pessoas jovens, adultas e idosas considerando a necessidade de esforço político e pedagógico, reconhecendo especificidades próprias desta modalidade de ensino, bem como de suas potencialidades e fragilidades. A necessidade de conhecer de modo mais sistemático os/as estudantes a que se atende é um caminho potencializador para a educação da EJAI, pois ultrapassa as diretrizes voltadas para esta modalidade e se pressupõe que avance para além dos muros da escola. Neste sentido, conforme Perrenoud (1997),

A formação de professores só tem hipóteses de se tornar uma força de mudança da escola se adquirir uma maior autonomia em relação ao sistema, se se identificar mais com as necessidades dos utilizadores e dos práticos do que com as necessidades do poder que governa a escola. (PERRENOUD, 1997, p. 96).

Com isso, entendemos que, para além das diretrizes curriculares construídas com base no poder subjacente do governo que esteve em vigência de 2018 a 2022, a autonomia do/a docente na preparação e aplicação do seu trabalho é fundamental para promover mudanças significativas na vida de seus/suas estudantes. Sendo assim, conhecer a realidade de suas turmas e ter autonomia para desenvolver seu trabalho deverá ultrapassar as orientações do sistema de ensino e não se limitar a ele. Nesta perspectiva, acrescentamos as contribuições de Nóvoa (2014), cuja compreensão revela que a atual conjuntura impõe à educação transformações que passam a ser entendidas como um processo que vai além dos muros das escolas. O autor defende o entendimento de um espaço público educacional, no qual muitas instituições e lugares são reconhecidos como espaços educacionais e têm responsabilidade sobre a educação.

Com isso, destacamos que a formação continuada é o espaço em que o trabalho pedagógico pode ser discutido e refletido, baseando-se nas experiências coletivas e individuais. De acordo com Luz e Melo (2007),

As formações contínuas, independentes das definições ou modalidades que a caracterizem, devem ser entendidas como um modo de reconstrução/reapropriação coletiva e solitária do saber, em que o sentido das experiências vividas torna-se mais claro para a consciência e a relação com o saber passa a ser mais importante que o próprio saber em si. Movimento que permite a consciência de sua condição de coautor no processo de formação pessoal e profissional e com isso supere as barreiras que reforçam as resistências ao novo e motivem-se às propostas de formação. (LUZ; MELLO, 2007, p. 4).

Defendemos, portanto, a premissa de que alinhar as orientações curriculares da rede de ensino, conhecer diferentes estratégias com base nas experiências de outros/as docentes durante as formações continuadas e conhecer o perfil de suas turmas é fundamental, mas não determinante para o êxito da EJAI. Há tantas

camadas no debate para a melhoria da EJA (Educação de Jovens e Adultos) que envolve seus/suas estudantes, sobretudo, a partir de uma educação utópica (FREIRE, 1996). No universo dessa utopia, defendemos, por exemplo, políticas públicas que acolham de modo efetivo as pessoas da EJA, cujo direito à educação lhes foi negado na infância e na juventude.

Em outras palavras, é necessário refletir acerca da função das aprendizagens escolares para os sujeitos da EJA, pensando na contextualização ou aplicabilidade no cotidiano, principalmente se considerarmos o que Ribeiro (1999) propõe como ênfase numa educação de pessoas adultas como prática política, que identifique a natureza de conhecimentos práticos, considerando o desafio de modificar ou adequar os conteúdos escolares na vida prática dos/as estudantes.

É nesse movimento de pensar a formação e de ressignificar a prática que o *podcast* se apresentou no debate, no âmbito da extensão, na qual participaram as docentes, neste artigo apresentadas com codinomes, que se manifestou, de forma geral, como um espaço formativo de ensino e escuta das demandas docentes, convidando-as a operar o gênero enquanto instrumento à disposição do debate e da reflexão para se garantir o acesso do/a aluno/a ao *podcast* como gênero oral.

Frente a esse olhar teórico, vejamos como os/as docentes participantes deste trabalho enxergam o papel do *podcast* na EJA.

2. PODCAST NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE FALAS DOCENTES

Antes de ingressarmos nos recortes de falas das professoras, reforçamos aqui que defendemos os gêneros textuais como

fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Na relação entre língua, linguagem e gêneros textuais, que, segundo o autor supracitado, vinculam-se na vida cultural e social, muitas vezes indissociáveis, produzimos textos sem sequer refletirmos sobre sua forma normativa. Porém, quando produzimos esses textos, o fazemos para atender propósitos de comunicação. Segundo Marcuschi (2005),

[...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas. (MARCUSCHI, 2005, p. 20).

Isso significa que os suportes de comunicação contribuem criando realidades sociais, pois centralizam nesses suportes as atividades comunicativas, como é o caso das plataformas de divulgação dos episódios do gênero *podcast*. Segundo Marcuschi (2005), tais suportes propiciam e abrigam gêneros novos bastante característicos; entretanto, esses novos gêneros não são inovações absolutas porque constantemente estão ancorados em outros textos. Para ele, “a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas” e a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social (BAZERMAN, 2020, p. 37). Desta forma, convém compreender que a interação entre as pessoas é constantemente mediada por textos, orais e/ou escritos, construindo, assim, padrões interativos que introduzem diferentes atividades cotidianas.

Neste contexto, reafirmamos que a comunicação verbal acontece em movimentos interativos, seguindo padrões interativos, presentes em diversas atividades cotidianas, mediados por textos agrupados, sem ser, necessariamente, por definição em aspectos formais. E nesta perspectiva concebemos os gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, que são, em poucas palavras, a corporalização de textos existentes, constituídos pelos traços comunicativos, contextuais e sociais.

Neste recorte, sigamos para a análise das falas das docentes, em busca de refletir a respeito do que dizem um grupo de docentes em atuação na EJAI, a respeito do *podcast*. Ilustramos, inicialmente, a fala de Bernadete, que apresenta o *podcast* dentro dos meandros curriculares na rede escolar em que atua:

[...] A gente tem uma orientação curricular feita por professores e a gente tem material feito por professores da rede, então eu estou nesta frente de trabalho na gerência, mas me interessa por metodologias novas e eu queria usar o podcast na produção de material. (Bernadete).

Este trecho ajuda-nos a entender, dentre outras questões, a relação que a docente traça entre o currículo para a EJAI, a construção do material de apoio à prática pedagógica e o gênero. Não é nossa intenção investigar em que concepções curriculares determinadas redes de ensino se aportam, mas convém elucidar alguns aspectos nesta análise para entender a fala de Bernadete quando se refere à orientação curricular feita por professores/as. Existem três concepções curriculares para a EJAI: i) a que está embasada na Educação Popular, em que a EJAI está voltada para a formação e transformação dos sujeitos; ii) a que segue os passos da escola básica propedêutica, focada na preparação para a progressão de níveis escolares até o ensino superior; e iii) a PROEJA, voltada para o ensino técnico e profissionalizante (SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 6867).

O que foi exposto pela docente não nos dá subsídio para analisar em que concepção curricular estes professores se embasam para construir o próprio currículo. Entretanto, convém refletir acerca de cada concepção curricular, para analisarmos as possíveis atividades desencadeadas, com base no referido currículo, entendendo que, no currículo, não existe neutralidade no conjunto dos conhecimentos, tampouco, na escolha de textos e conteúdo. Para Santos e Pereira (2017),

A gama de concepções de currículo perpassa tensões, conflitos políticos e econômicos, diferenças culturais, a não neutralidade para efetuar escolhas, bem como submeter-se aos interesses hegemônicos dominantes, que sempre estão subjacentes ao universo escolar e às diversas áreas de conhecimento. (SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 6869).

Quando trazemos discussões acerca do currículo da EJAI, é relevante perceber que os valores subjacentes às práticas escolares dos/as docentes contribuem para a escolha de conteúdos, ou seja, a forma de trabalhar interfere, por exemplo, no trato com o repertório de gêneros textuais que há de se trazer para a sala de aula. Além disso, ressaltamos que, para além da necessidade de desvelamos a qual EJAI o/a estudante pertence, precisamos estar atentos para quais gêneros textuais poderiam ser trabalhados, de maneira que atendam às diferentes necessidades desses/as alunos/as, com o intuito de conscientizá-los sobre as suas próprias capacidades (SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 6871).

Bernadete apresenta o *podcast* como uma estratégia para operar metodologicamente, ou seja, usá-lo na produção de material. Este interesse nos remete às questões da formação docente, que, por desdobramento do tema, evidencia as possibilidades para que os/as estudantes potencializem aprendizagens de forma significativa por meio do *podcast*.

Ao prosseguir com a análise das falas das participantes, trazemos a professora Maria das Dores, que põe em destaque a suas concepções acerca do *podcast*:

[...] o podcast é algo novo, mas parecido com o rádio... e o jovem conhece como funciona e ao mesmo tempo, ele é muito novo, porque ele é um rádio sem propaganda que você escuta sobre o tema que escolhe. Então, isso é fantástico essa possibilidade de usar off-line, por exemplo, que eles podem ouvir no celular, se deslocando para o trabalho,

voltando para o trabalho, isso aguça a memória, aguça atenção, faz enriquecer conhecimento de mundo, assim é uma possibilidade riquíssima. (Maria das Dores).

A fala da professora Maria das Dores parece se afinar com o que apregoa Marcuschi (2005), para quem a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas de gêneros textuais, porque os novos gêneros não são inovações absolutas. Com relação aos gêneros, um se ancora em outro e se caracteriza e define por aspectos sociocomunicativos e funcionais (MARCUSCHI, 2005, p. 20), fenômeno percebido, por exemplo, na relação entre o rádio e o *podcast*.

O pensar sobre os gêneros deve compreender que eles são elaborados no âmbito das interações sociais e se caracterizam pelo conteúdo temático, pelas esferas de circulação, ou seja, de acordo com a circulação temática e a interação do/a locutor/a (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011). No que tange ao conteúdo temático, devemos considerar que o *podcast* se estrutura em torno de uma ou mais temáticas. No caso da EJAI, as temáticas sociais podem ser estratégias significativas, porque dialogam com as especificidades do público que frequenta essa modalidade.

No depoimento a seguir, a professora Bernadete realça o seu interesse em explorar os temas sociais na EJAI: “[...] então foi essa a motivação, de aprender mais sobre o uso do *podcast*, principalmente com essa pegada das temáticas sociais para produzir um material que é replicado para a rede de ensino”. (Bernadete).

A procura por cursos de qualificação por parte dos/as professores/as revela a importância de adquirir novos saberes que contribuam para o trabalho docente. A motivação de Bernadete deixa claro isso, pois seu interesse está em aprender para produzir material voltado para as temáticas sociais com o *podcast*. No que diz respeito aos anseios docentes, Arroyo (2000) afirma que o apego ao saber, ao estudo, à qualificação, à identidade individual e coletiva, ao campo da sua prática é algo inerente aos/as professores/as (ARROYO, 2000, p. 25). Por este motivo, entendemos a constante preocupação desses/as professores/as com a própria formação e a de seus/suas estudantes.

Bernadete, na busca por novos saberes ligados a novos parâmetros educacionais que envolvam novos recursos e temas sociais, parece buscar a visão de formação integral do sujeito para seus/suas alunos/alunas. Além dessa docente, percebemos esta busca pela formação integral na fala de Maria do Amparo, ao elencar temas gerais que dizem respeito à vida cotidiana das pessoas jovens, adultas e idosas assistidas pela EJAI:

*[...] então acho que dentro desse contexto social a gente tem muitas temáticas para além da questão étnico-racial, de enfrentamento da discussão de identidade de gênero [...] se a gente fizesse um levantamento rapidinho aí, de quem são ou qual o maior número representacional do público da EJA [...] Vamos ver que é a população negra, aí se a gente for lá pra trás e vir essa história do porquê que eles são vítimas, ou porque nós temos essa dívida pública hoje, pra ajudar essa população de homens e mulheres? Então a gente já tem elementos para fazer um *podcast* muito amplo.* (Maria do Amparo).

Diante do exposto, consideramos, a partir da fala da docente, alguns pontos importantes acerca do *podcast* enquanto gênero textual. A primeira questão diz respeito ao tema, com destaque a temas de relevância social, pois, como sugerido por Maria do Amparo, existe uma gama de possibilidades que favorece discussões ligadas à vida cotidiana e situações de enfrentamento à opressão de grupos sociais, sejam eles étnico-raciais, de gênero ou de classe.

Do ponto de vista da sua interface na oralidade, a compreensão do *podcast* enquanto gênero, bem como do seu formato com base na tipologia textual e, por fim, na distinção do conceito de suporte contribui para sua vinculação na vida cultural e social de maneira indissociável, em que poucas vezes refletimos sobre sua forma normativa, mas sempre o produzindo para atender propósitos de comunicação. Sendo assim, conceber o gênero *podcast* para a educação, sobretudo, infere trabalhá-lo tanto como instrumento de ensino, quanto objeto de aprendizagem. A seguir, apresentaremos nossas considerações finais, contudo, não fechamos as reflexões aqui iniciadas, porque entendemos que a pesquisa científica deve ser constantemente ampliada e/ou replicada, sobretudo, nas investigações que tomem a EJAI e suas especificidades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho foi desenvolvido considerando os gêneros como práticas sociais para fins comunicativos. Tecer essa consideração realça a importância das discussões acerca de novos gêneros e sua aplicação em sala de aula, uma vez que tais ferramentas se materializam como elementos concretos pelos quais o/a professor/a pode operar o ensino de língua e o/a aluno/a pode ser ajudado a compreender as diferentes práticas sociais de linguagem com as quais se relaciona nos diferentes contextos de usos da língua.

Trazer para o debate a visão docente sobre o *podcast* possibilitou-nos perceber que as preocupações por parte das participantes giram em torno de variadas questões para operar com o gênero. Dentre elas: a atenção para o currículo; a utilização do gênero como uma ferramenta nova a ser usada na produção de outros recursos didáticos; bem como a promoção de habilidades relativas à memória e atenção, por exemplo.

Os contornos das falas atingem perspectivas plurais, que transcendem a natureza do gênero, como, por exemplo, aquelas ligadas a funções neurológicas. Na modalidade da EJAI, além de trabalhar os novos gêneros, precisamos entender suas especificidades e, para isso, é importante explorar temáticas que dialoguem com a realidade social dessa população, reforçando o ensino do *podcast* como gênero oral (TRAVAGLIA, 2017), ou na interface entre oral e escrito (MARCUSHI, 2007), como direito que deve ser assegurado a todos e todas.

A compreensão dos/as docentes sobre questões acerca da EJAI, permeiam as concepções que os sujeitos construíram ao longo de suas experiências em sala de aula. Considerando que os gêneros textuais são instrumentos sociocomunicativos que mediam as atividades humanas, o trabalho docente tem um importante papel na instrumentalização deles. Neste sentido, compreender o uso e a função dos gêneros, em especial o *podcast*, contribui com a formação integral dos/as estudantes da EJAI, uma vez que existem, de certa forma, algumas barreiras que surgem para impedi-los/as de gozar plenamente dos direitos de cidadãos e cidadãs ativos(as).

Para ilustrar a percepção docente acerca do *podcast*, apresentamos a seguir um quadro com pontos importantes que as participantes da pesquisa em questão evidenciaram.

Quadro 1 - Percepções acerca do *podcast*.

Participante	Percepções
Bernadete	Necessidade de orientação curricular.
	Importância dos recursos didáticos.
	Destaque para novas tecnologias.
	O <i>podcast</i> como instrumento de ensino.
Maria das Dores	Reconhecimento do <i>podcast</i> como gênero.
	Destaque do <i>podcast</i> como algo novo com bases velhas.
	Sintonia do <i>podcast</i> com fator geracional.
	Percepção de que o <i>podcast</i> demanda uma temática.
	Destaque sobre o uso do <i>podcast</i> (<i>on-line</i> e <i>off-line</i>).
	Sinalização para o suporte que transmite o <i>podcast</i> (celular).
	Menção aos modos de uso do <i>podcast</i> (ouvir no trajeto de ida e volta para o trabalho).
Realces sociais (enriquecer conhecimento de mundo) e habilidades cognitivas advindas do acesso ao <i>podcast</i> (memória e atenção).	

Fonte: as autoras.

Por fim, esperamos que as discussões estabelecidas neste artigo sejam motivadoras de investigações que olhem atentamente para o fazer docente a partir do uso dos gêneros textuais, com realce para o gênero oral *podcast*, ferramenta de ensino que pode ser utilizada como via para a introdução/consolidação de novos conhecimentos (inter)disciplinares. O *podcast*, portanto, pode se configurar como uma ferramenta para o trato do oral autônomo ou integrado (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004), a depender das demandas docentes. Mas o que desejamos registrar neste momento de encerramento do artigo é o destaque que Bakhtin (2011, p. 285), ao defender que “quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, tanto plena e nitidamente, descobrimos neles a nossa individualidade – autonomia –, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação”. Portanto, o contato e o uso do *podcast* pode colaborar para a ampliação das capacidades de linguagem dos/as alunos/as da EJA.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, Luciano J. *Podcast: potencialidades de um gênero digital em contextos escolares*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Tecnologia, Comunicação e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Arquivo CT_TCTE_III_2020_36.pdf
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução de Judith C. Hoffnagel, organização de Ângela Paiva Dionísio e Judith C. Hoffnagel. 2. ed. Recife: Pipa Comunicação; Campina Grande: EDUEFCG, 2020. (Série Charles Bazerman, v. 1). Livro em PDF.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular (BNCC)*. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRITO, Valdênia. *Eu tenbo direitos? O que faço para garanti-los? Promovendo formação de docentes atuantes na EJA para discutir temas sociais mediados por podcast*. 2023. No prelo.
- CORTADA, Silvana. *Educação de jovens e adultos e seus diferentes contextos: formação de professores*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014. *e-book*. (Coleção Pedagogia de A a Z, v. 12).
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 149-185.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. *Letramentos digitais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KLERING, Emily Haubert; ROSA, Lara Hoefel da; KERSCH, Dorotea Frank. Multiletramentos em tempos de ensino remoto: o trabalho com *podcasts*. In: KERSCH, Dorotea Frank; SÁ MARTINS, Ana Patrícia; SANTOS, Gabriela K.; TEMOTÉO, Antônia, S. S. G. *Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola*. São Leopoldo: Casa Leiria. 2021. p. 101.
- LUZ, A. A. N.; MELLO, L. S. Formação continuada: contextualizando a ação da supervisão escolar e a gestão educacional da escola pública. In: COLE - *No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las*, 16, 2007, Campinas. Anais. Campinas: [s/n], 2007, p. 01-09.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.
- NÓVOA, Antônio. *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2014. (Coleção Ciências da Educação, v. 4).
- PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artmed Editora; Paris: ESF, 1997. Traduction en portugais de: Pédagogie différenciée: des intentions à l'action.
- RIBEIRO, Vera M. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. *Educação e Sociedade*, Campinas, SP, v. 20, n. 68, p. 184-201, dez./1999.
- SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, SP, v. 14, n. 40, p. 143-155, 2009.
- SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 129-148.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- SILVA, Wesley K. *O uso pedagógico do podcast e formação inicial do professor: mudanças de paradigma educacional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, 2017. Arquivo WESLLEY KOZLIK SILVA.pdf
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gêneros orais: caracterização e ensino. *Olhares e Trilhas*, Uberlândia, MG, v. 19, n. 2, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/OT2017v19.n.2.12-24>
- VELOSO, Camila; BALDUINO, Isabela; SANTOS, Júlia; MARQUES, Laura; BARBOSA JÚNIOR, Reginaldo; ROSA, Rosane. *Podcast como ferramenta de ensino*. Santa Maria: Edumix Editora Aberta, 2018. Manual em texto e imagem com *hiperlinks* para conteúdo digital.
- VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; FERREIRA, Helena Maria. O *podcast* como gênero discursivo: oralidade e multissemiose aquém e além da sala de aula. *Letras*, Santa Maria, RS, n. 1, p. 35-55, 2020. Edição especial.